

mudanças climáticas, territórios e erosão cultural: impactos sobre povos indígenas e tradições culturais

climate change, territories and cultural erosion: impacts on Indigenous peoples and cultural traditions

Paulo Galvão

Ativista climático e Conselheiro

Instituto Vozes da Amazônia

Franca, SP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-9955-3405>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.20207150>

Resumo: Este relato analisa os impactos das mudanças climáticas sobre territórios, culturas e modos de vida de povos indígenas, ribeirinhos e comunidades tradicionais, com o estudo de caso da região do Baixo Tapajós, na Amazônia brasileira. Parte-se da compreensão da crise climática como um fenômeno multidimensional, que ultrapassa a dimensão ambiental e afeta estruturas sociais, econômicas e culturais. O texto evidencia que eventos extremos, como secas severas e aumento de temperaturas, têm provocado alterações significativas nos ciclos naturais, comprometendo atividades fundamentais como a pesca, a agricultura e a mobilidade fluvial. Tais transformações intensificam vulnerabilidades históricas e geram efeitos diretos sobre a segurança alimentar, o acesso a recursos naturais e a permanência das populações em seus territórios. Além disso, discute-se o processo de erosão cultural decorrente da degradação ambiental, da perda de biodiversidade e das migrações forçadas, que comprometem a reprodução de práticas culturais, saberes tradicionais e identidades coletivas. Por outro lado, o texto destaca o papel dos conhecimentos tradicionais e das práticas culturais como estratégias de resistência e adaptação frente à crise climática. Conclui-se que a proteção dos territórios tradicionais e a valorização dos saberes indígenas são fundamentais para a construção de soluções sustentáveis, evidenciando que a justiça climática está intrinsecamente ligada à justiça social, cultural e territorial.

Palavras-chave: (1) Mudanças climáticas; (2) Povos indígenas; (3) Amazônia; (4) Erosão cultural; (5) Saberes tradicionais.

Abstract: This report analyzes the impacts of climate change on territories, cultures, and ways of life of Indigenous peoples, riverine populations, and traditional communities in the *Baixo Tapajós* region, in the Brazilian Amazon. It approaches the climate crisis as a multidimensional phenomenon that goes beyond environmental issues, affecting social, economic, and cultural structures. The text highlights that extreme events, such as severe droughts and rising temperatures, have significantly altered natural cycles, compromising essential activities such as fishing, agriculture, and river

transportation. These changes intensify historical vulnerabilities and directly affect food security, access to natural resources, and the ability of communities to remain in their territories. Furthermore, the article discusses the process of cultural erosion resulting from environmental degradation, biodiversity loss, and forced migration, which undermine the reproduction of cultural practices, traditional knowledge, and collective identities. On the other hand, it emphasizes the role of traditional knowledge and cultural practices as strategies of resistance and adaptation to climate change. The text concludes that protecting traditional territories and valuing Indigenous knowledge are essential for building sustainable solutions, demonstrating that climate justice is intrinsically linked to social, cultural, and territorial justice.

Keywords: (1) Climate change; (2) Indigenous peoples; (3) Amazon; (4) Cultural erosion; (5) Traditional knowledge.

Introdução

A mudança do clima, é classificada pelas Nações Unidas uma das crises mais complexas e abrangentes da atualidade (UNFCCC 2022), afetando não apenas sistemas naturais e ecológicos, mas também estruturas sociais, econômicas e culturais em escala global. Na Amazônia brasileira, esses impactos se manifestam de forma particular e muitas vezes contraditórias, dada a importância e vasta riqueza natural e de biodiversidade da região. No entanto, a vulnerabilidade das populações tradicionais pode gerar consequências intensas e severas para as comunidades.

Parte-se, aqui, de uma reflexão central: como uma das regiões mais biodiversas e preservadas do mundo pode ser tão intensamente afetada pelos impactos das mudanças climáticas? Essa questão revela a própria natureza da crise climática, na qual a vulnerabilidade social desempenha papel determinante ao definir quem sofre primeiro e de que forma. Nesse sentido, torna-se evidente que populações indígenas, quilombolas, ribeirinhas e comunidades tradicionais estão entre as mais expostas aos efeitos dessas transformações. Assim, a Amazônia configura-se como um território vulnerável às consequências das mudanças do clima (COELHO 2025), cujos impactos não se restringem às populações humanas, mas atingem também sua sociobiodiversidade, ainda não plenamente conhecida.

Na Região do Baixo Tapajós, localizada no oeste do estado do Pará, essa realidade é evidente, uma vez que os modos de vida de povos indígenas, ribeirinhos e comunidades tradicionais estão profundamente conectados ao território, aos ciclos da natureza e à dinâmica dos rios e da mata. Nesse contexto, a crise climática deve ser compreendida não apenas como um fenômeno ambiental e climático, mas como um processo que ameaça a continuidade de culturas, identidades e formas de existência.

O Rio Tapajós é um dos principais afluentes da margem direita do Rio Amazonas, com cerca de dois mil quilômetros de extensão, desempenhando papel fundamental na regulação ecológica e climática da região amazônica (WWF-BRASIL 2016). Sua bacia abrange áreas de alta biodiversidade e constitui um território vital para diversos povos indígenas, como os Munduruku, do Alto e Médio Tapajós e os 14 povos do baixo Tapajós, além de comunidades ribeirinhas e tradicionais que dependem diretamente dos recursos naturais para sua subsistência. A cidade de Santarém, situada na confluência entre os rios Tapajós e Amazonas, representa um importante polo urbano, cultural e econômico da região, funcionando como ponto de articulação entre territórios tradicionais e dinâmicas globais de circulação de mercadorias e fluxos econômicos (PEREIRA 2026). Essa localização estratégica, contudo, também intensifica pressões sobre o território, especialmente diante da expansão de atividades econômicas, como o agronegócio, garimpo ilegal, desmatamento e grilagem de terras, o que

agrava ainda mais os impactos ambientais e climáticos na região (CLIMAINFO 2026).

Eventos extremos e transformações ambientais no Baixo Tapajós

Nos últimos anos, a região do Tapajós tem sido marcada pela intensificação de eventos extremos, particularmente secas severas que alteram drasticamente o regime hidrológico dos rios (CLIMAINFO 2026). Entre 2023 e 2024, a Amazônia enfrentou uma das mais graves crises hídricas de sua história recente, com níveis recordes de redução do volume de água em diversos rios, incluindo o Tapajós. Essa situação levou à declaração de escassez hídrica por parte de órgãos governamentais e provocou impactos diretos sobre a mobilidade, o abastecimento de água e a segurança alimentar das populações locais (BRASIL 2024). A redução do nível dos rios dificultou o transporte fluvial, principal meio de deslocamento na região, isolando comunidades e comprometendo o acesso a serviços básicos, alimentos e insumos essenciais (LIMA 2024).

Contudo, essas não foram as únicas consequências que chegaram na região, com a seca severa muitas comunidades não conseguiram colher suas roças e produzir seus alimentos tradicionais como a farinha ou outros derivados da mandioca. Além disso, a seca extrema afetou diretamente a biodiversidade aquática, como na redução da disponibilidade de peixes, comprometendo a reprodução de espécies e matando milhares de peixes em rios e lagos que secaram (VIEIRA 2024). A pesca, atividade central para a subsistência das comunidades ribeirinhas e indígenas, foi drasticamente impactada, gerando insegurança alimentar e perda de renda.

Paralelamente, o aumento das temperaturas e a redução da umidade favoreceram a intensificação de incêndios florestais, contribuindo para a degradação ambiental e para a emissão de gases de efeito estufa, que causou na região diversos picos e alertas dos níveis de qualidade do ar. Em 2024 Santarém foi a cidade com a pior qualidade do ar do mundo, e ficou semanas no topo do *ranking* de pior qualidade do ar do Brasil (GAMA 2024). Esses fenômenos indicam que a Amazônia está passando por uma transformação estrutural, na qual eventos antes considerados excepcionais tornam-se cada vez mais frequentes, intensos e com consequências que muitas vezes não são totalmente mensuradas.

Os impactos das mudanças climáticas sobre o Baixo Tapajós não se limitam à dimensão ambiental, mas atingem profundamente os territórios e os modos de vida das populações que ali habitam. Para os povos indígenas e comunidades tradicionais, o território não é apenas um espaço físico, mas um elemento central de sua organização social, cultural e espiritual. É no território que se realizam práticas produtivas, rituais, festividades e processos de transmissão de conhecimento. Dessa forma, a degradação

ambiental e a instabilidade climática comprometem diretamente a reprodução dessas formas de vida.

A irregularidade dos ciclos naturais, por exemplo, afeta os calendários agrícolas e as práticas de manejo da terra, dificultando o plantio e a colheita de alimentos. A escassez de água e a redução da pesca impactam a alimentação das comunidades, enquanto o isolamento geográfico decorrente da baixa navegabilidade dos rios limita o acesso a bens e serviços essenciais. Esses fatores contribuem para a intensificação de vulnerabilidades sociais e econômicas, ampliando desigualdades históricas e colocando em risco a permanência das populações em seus territórios (BRASIL 2025).

Cultura, identidade e manifestações tradicionais no Baixo Tapajós

Nesse contexto, a cultura emerge como uma dimensão central para a compreensão dos efeitos das mudanças climáticas. Os saberes, as histórias, as vivências e as práticas tradicionais das comunidades sustentam as múltiplas identidades e modos de vida da região, constituindo elementos fundamentais para a sua continuidade. Torna-se, portanto, cada vez mais necessária a preservação e a difusão desses conhecimentos, especialmente entre as gerações mais jovens, de modo a garantir a transmissão do legado, da ancestralidade e da cultura dos povos do Baixo Tapajós para o presente e o futuro.

No Baixo Tapajós, as práticas culturais tradicionais estão profundamente inseridas no cotidiano das populações e comunidades locais. Elas se manifestam na linguagem, na culinária, no artesanato produzido a partir de matérias-primas naturais, como a palha de tucumã, na região do rio Arapiuns, e o látex e sementes de açaí ou morototó, na Floresta Nacional do Tapajós, bem como nas expressões artísticas, como a música e as danças tradicionais. Além disso, destacam-se festividades tradicionais que reforçam a identidade cultural da região, como o *Sairé* (MEMORIAS DO SAIRÉ 2025) e a Festa do Gambá de Pinhel (LIMA 2023).

O Carimbó, expressão cultural tradicional do Pará, que tem influência indígena, negra e europeia, representa não apenas formas de expressão artística, mas elementos fundamentais da identidade coletiva e da relação com o território (ZOE 2024). O Carimbó é reconhecido como patrimônio cultural e imaterial brasileiro (NASCIMENTO 2025), está profundamente enraizado na dinâmica ambiental da região, sendo produzido a partir de instrumentos e materiais naturais e associado a festividades comunitárias que celebram a vida coletiva e a relação com a natureza. A coletividade do Carimbó é feita por muitas mãos, instrumentos, chapéus e saias, ou podem de maneira espontânea movimentar e reunir uma comunidade, como é no puxirum, palavra que tem origem na língua Tupi e que significa mutirão ou coletivo que se reúne em prol de um resultado único, como fazer um

barracão comunitário, por exemplo. Geralmente esses trabalhos coletivos são finalizados com músicas, comidas e o fortalecimento coletivo.

No Baixo Tapajós essa prática é muito comum nas comunidades e aldeias. Trago aqui o exemplo do *Barracão do Sairé* (CARNEIRO 2025), espaço que anualmente recebe as celebrações da festa do Sairé em Alter do Chão (MEMORIAS DO SAIRÉ 2025). Esta festa de origem indígena tem mais de 300 anos de histórias e no tempo da colonização já chegou a ser proibida (CANTO 2022). Hoje o Sairé reúne elementos da cultura indígena da região do Tapajós e elementos da religião católica. Todos os anos, durante meses, comunitários e pessoas que ocupam cargos voluntários dentro da parte religiosa do Sairé se reúnem para fazer as manutenções e preparação da festa do Sairé, esse é um grande exemplo de puxirum e de trabalho coletivo para manter a cultura e a tradição viva de geração a geração, já que muitos jovens e filhos acabam participando desses momentos de trabalho e construção coletiva, que se torna um espaço também de contação de história pelos mais velhos e aprendizados e preservação pelos mais novos.

Mudanças climáticas e erosão cultural

A crise climática afeta as tradições culturais em múltiplas dimensões. Em primeiro lugar, a degradação ambiental compromete a disponibilidade de recursos naturais utilizados na produção de alimentos tradicionais, do artesanato, da medicina tradicional, das ervas para banho e cura, dos instrumentos tradicionais e de matérias primas para construção, como madeira e a palha de curuá. Em segundo lugar, os eventos extremos dificultam a realização de festividades e encontros comunitários, fundamentais para a manutenção da prática cultural das comunidades, o Sairé por exemplo, vêm sendo afetado pelas consequências das grandes secas na região (RIONEGRO 2025). Um dos ritos da festa é a escolha dos mastros e procissão fluvial, que teve mudança no local de escolha e busca dos mastros por conta da seca e não navegabilidade no trecho onde todos os anos acontece o ritual (CAVALEIRO & BRENDOLLY 2024).

Em terceiro lugar, a instabilidade social e econômica gerada pela crise climática pode levar ao deslocamento e migração de populações para as áreas urbanas e cidades, o que causa à ruptura de vínculos comunitários, enfraquecendo a transmissão intergeracional de saberes, além de ser um agravante no bem estar e dignidade das pessoas, uma vez que muitas delas não têm recursos necessários para sobreviver na cidade, já que sua renda e modo de vida está totalmente ligada a natureza.

Nesse contexto, destaca-se o relato de uma liderança indígena acerca dos impactos do deslocamento para o meio urbano (FELLET 2020). Para Alessandra Munduruku:

... era tão doído quando meus filhos pediam para comer peixe e você não sabia de onde tirar. Na aldeia, os filhos nem precisam pedir. Eles mesmos sabem pescar e assar. Essa dor que a gente sente quando mora na cidade, eu não quero para os meus parentes (FELLET 2020).

Relatos como esse têm se tornado cada vez mais frequentes na região do Baixo Tapajós, especialmente entre populações expostas a elevados níveis de contaminação por mercúrio (WWF BRASIL 2024). Nesses contextos, o consumo de peixe, elemento central da alimentação tradicional, passa a representar um risco à saúde. Ainda assim, em muitos casos, o consumo de pescado contaminado constitui a única alternativa disponível para a subsistência dessas comunidades.

Esses processos apontam para um fenômeno mais amplo, que pode ser descrito como erosão cultural (POLLUTION SUSTAINABILITY DIRECTORY 2025). A perda de condições materiais para a reprodução das práticas culturais resulta no enfraquecimento de identidades coletivas e na descontinuidade de tradições. Os povos indígenas estão entre os mais afetados pelas mudanças climáticas, não apenas por sua vulnerabilidade socioeconômica, mas também pela dependência direta de seus modos de vida em relação aos ecossistemas. Nesse sentido, a crise climática representa uma ameaça não apenas à sobrevivência física dessas populações, mas também à sua existência cultural e identitária (DEUTSCHE WELLE 2025).

Migrações climáticas e perda de saberes tradicionais

A erosão cultural decorrente das mudanças climáticas pode ser compreendida como uma forma de violência estrutural, na medida em que compromete a continuidade de formas de vida e de conhecimento. As migrações climáticas estão cada vez mais frequentes no mundo, Segundo relatórios do Banco Mundial, estima-se que até 2050, 216 milhões de pessoas podem ser forçadas a migrar dentro de seus próprios países devido a secas, escassez de água e aumento do nível do mar (WORLD BANK GROUP 2021) e 1,2 bilhão de pessoas de 31 países poderiam ser deslocadas globalmente até 2050 em um cenário extremo de crise climática, conforme estimativa do Institute for Economics and Peace (IEP 2020). No Brasil essa realidade não é distante, apesar de não haver uma estimativa do número de deslocados climáticos no Brasil para 2050, o cenário na América Latina é bem alarmante, já que é uma região classificada como área de alerta, de onde deverão sair 17 milhões de migrantes climáticos até 2050 (MODELLI 2021).

Por sua vez, a perda de biodiversidade (GARCIA 2025), por exemplo, implica diretamente na perda de saberes tradicionais associados ao uso de plantas medicinais, à alimentação, à espiritualidade e a outras práticas tradicionais que são únicas de um povo e território, ou seja, quando um

território é ameaçado não é somente a terra que está em risco, talvez para o homem branco colonizador sim, mas para dos povos indígenas e tradicionais o que está ameaçado é a identidade, as práticas culturais, os modos de vidas, os saberes, a língua e a ancestralidade dos povos da floresta. Dessa forma, territórios ameaçados são ameaças direta aos modos de vida e identidade de um povo.

Saberes tradicionais e estratégias de resistência

No entanto, é fundamental reconhecer que os povos indígenas e comunidades tradicionais não são apenas vítimas da crise climática, são também agentes ativos na construção de respostas, estratégias e soluções para as mudanças climáticas (SOUZA 2025). Os conhecimentos tradicionais são baseados a partir dos conhecimentos da floresta, da natureza, das águas, é a ciência construída dentro dos territórios combinada com a herança e ancestralidade deixados pelos antepassados. Esses conhecimentos já criaram e implementaram, dentro dos diferentes territórios, diversas soluções e formas de adaptação aos impactos da crise climática, são os povos da floresta mostrando para o mundo que a resposta é ouvir e escolher seguir os conhecimentos tradicionais para manter o equilíbrio climático na terra.

Estudos recentes (ZENT 2025) apontam que a incorporação dos saberes tradicionais é essencial para a construção de políticas climáticas mais eficazes e justas, capazes de promover soluções eficazes e que respeitem a natureza, a justiça ambiental e social (UNESCO 2025). Afinal, quem melhor para ensinar para o mundo como viver em sociedade e em harmonia com a natureza do que os povos indígenas.

Cultura, clima e políticas públicas

Na Amazônia, as respostas às mudanças climáticas sempre se manifestaram de diversas formas, muitas delas articuladas em torno da cultura, dos saberes e tradições dos povos. A manutenção de festividades e festivais, mesmo em contextos adversos, que evidenciam a luta dos povos da Amazônia como o festival dos Bois de Parintins, o Festival dos Botos e o Sairé em Alter do Chão, o *Festribal* em Juruti e muitas outras manifestações culturais que colocam a cultura, os saberes e as tradições amazônicas em foco e na linha de frente do enfrentamento às crises que os povos da Amazônia enfrentam. A reorganização de práticas produtivas, a solidariedade comunitária e a mobilização social também constituem estratégias importantes de adaptação. A cultura, nesse sentido, desempenha um papel fundamental na construção de resiliência e de soluções criativas e embasadas em conhecimentos, para os desafios climáticos que muitos territórios vêm sofrendo e cada vez mais se

intensificando. Mas os fazedores de cultura e os povos da Amazônia acreditam que a cultura é sim um aliado essencial no enfrentamento das mudanças climáticas.

Não é à toa, que na *Conferência de Clima da ONU de 2023*, a COP28 em Dubai, a cultura foi reconhecida e incorporada como eixo fundamental no enfrentamento da crise climática (BRASIL 2023). Isso resultou na criação de um grupo de alto nível para discutir assuntos relacionados a clima e cultura no âmbito das COPs. O *Grupo de Amigos da Ação Climática Baseada na Cultura* (GFCBCA) é uma coalizão internacional lançada na COP28 (2023), copresidida por Brasil e Emirados Árabes Unidos (2023–2026), que integra cultura, patrimônio e conhecimentos tradicionais nas políticas globais de mudança do clima.

Ações como essa evidenciam a necessidade da ação coletiva e baseada em conhecimentos locais para o combate a eventos globais. No entanto, essa agenda ainda carece de apoio e adesão. É necessário engajar cada vez mais agentes e incluir nas decisões os conhecimentos e saberes dos povos indígenas.

No Brasil muitos fazedores de cultura, sobretudo de comunidades indígenas, tradicionais e periféricas e organizações da sociedade civil compõem um movimento que constroem um debate muito qualificado de como fazer cultura e clima caminharem juntos, construindo soluções e ações dos territórios para o mundo.

Conclusão

A crise climática, ao incidir sobre a Amazônia revela-se como um fenômeno multidimensional que transcende a esfera ambiental, afetando profundamente territórios, culturas e identidades. Os eventos extremos recentes evidenciam não apenas a intensificação das mudanças no regime climático, mas também uma transformação estrutural dos ecossistemas amazônicos, com impactos diretos sobre os modos de vida das populações tradicionais.

Nesse contexto, torna-se evidente que a crise climática não pode ser compreendida isoladamente como um problema ambiental, mas deve ser analisada a partir de sua inter-relação com questões territoriais, culturais e sociais. A erosão cultural emerge como um dos efeitos mais significativos desse processo, resultante da degradação ambiental, da instabilidade socioeconômica e das migrações forçadas. A perda das condições materiais e simbólicas para a reprodução das práticas culturais compromete a continuidade de saberes, identidades e formas de existência.

Ao mesmo tempo, os povos indígenas e comunidades tradicionais demonstram notável capacidade de resistência e adaptação. Seus saberes, práticas culturais e formas de organização social oferecem caminhos concretos para a construção de alternativas mais sustentáveis e justas. A

cultura, nesse sentido, não se limita a um elemento a ser preservado, mas constitui um instrumento ativo de enfrentamento da crise climática e de produção de resiliência territorial.

A manutenção da floresta em pé e o equilíbrio climático dependem, portanto, de forma intrínseca, da garantia da integridade dos territórios tradicionais. Como argumenta Ailton Krenak (2019), os conhecimentos indígenas expressam uma concepção de humanidade que não se separa da natureza, oferecendo uma crítica fundamental aos modelos de desenvolvimento baseados na exploração intensiva dos recursos naturais. A erosão cultural observada ao longo deste estudo reflete, em grande medida, o distanciamento entre políticas globais e a realidade dos povos que historicamente atuam como guardiões da floresta.

Diante desse cenário, torna-se imprescindível reconhecer a centralidade dos territórios e dos povos que os habitam na formulação de respostas à crise climática. Isso implica não apenas valorizar seus conhecimentos, mas também garantir seus direitos e promover sua participação efetiva nos processos decisórios. Nesse sentido, iniciativas recentes no âmbito nacional e internacional, como as organizações e ativistas que atuam na temática, até as discussões internacionais que vêm acontecendo desde a COP28, evidenciam o reconhecimento crescente da cultura como um pilar fundamental da ação climática. A incorporação de saberes tradicionais e práticas culturais nas políticas climáticas aponta para a necessidade de construir soluções que articulem sustentabilidade ecológica, diversidade cultural e equidade social.

Assim, proteger a Amazônia não significa apenas conservar seus recursos naturais, mas também assegurar a continuidade de suas culturas e de seus povos. A preservação dos territórios tradicionais é condição indispensável para a manutenção do equilíbrio climático global. Enfrentar as mudanças climáticas, portanto, exige uma transformação profunda nas relações entre sociedade e natureza, superando paradigmas baseados na exploração e avançando em direção a modelos que reconheçam a interdependência entre ambiente, cultura e vida.

Por fim, a justiça climática na Amazônia só poderá ser efetivamente alcançada quando o direito ao território for reconhecido como indissociável do direito à existência cultural desses povos, garantindo que os saberes e a ancestralidade não apenas resistam, mas continuem a orientar caminhos possíveis para o futuro do planeta.

Referências

BRASIL – Ministério da Cultura (MEC) (2023). *Cultura é incorporada como eixo fundamental no enfrentamento às mudanças climáticas na COP28*. 08 de dezembro. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/cultura-e-incorporada-como-eixo-fundamental-no-enfrentamento-a-mudancas-climaticas-na-cop-28> Acesso em: 28/04/2026.

____ - Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA) (2024). *Ana declara situação de escassez hídrica na Bacia do Tapajós (PA)*. 23 de setembro. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.gov.br/ana/pt-br/assuntos/noticias-e-eventos/noticias/ana-declara-situacao-de-escassez-hidrica-no-rio-tapajos-pa> . Acesso em: 28/04/2026.

____ - Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) (2025). *Cientistas alertam para avanço da vulnerabilidade e risco de refugiados ambientais na Amazônia*. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2025/11/cientistas-alertam-para-avanco-da-vulnerabilidade-e-risco-de-refugiados-ambientais-na-amazonia>. Acesso em: 03/04/2026.

CANTO, Sidney Augusto (2022). “Igreja Católica chegou a proibir o Sairé por quase meio século”, *O Liberal Santarém*, 19 de setembro. Disponível em: https://www.oliberal.com/santarem/igreja-catolica-chegou-a-proibir-o-saire-por-quase-meio-seculo-1.589257#google_vignette. Acesso em: 28/04/2026.

CARNEIRO, Jeso (2025). “Barracão do Sairé, o coração da festa de Alter do Chão”, *Jeso Carneiro*, 02 de setembro. Disponível em: <https://www.jesocarneiro.com.br/educacao-e-cultura/barracao-do-saire-o-coracao-da-festa-de-alter-do-chao.html>. Acesso em: 28/04/2026.

CAVALEIRO, Dominique & BENDOLLY, Carlo (2024). “Busca dos mastros e procissão fluvial marcam início da Festa do Sairé na vila balneária de Alter do Chão, em Santarém”, *G1 Santarém e Região*, 14 de setembro. Santarém, PA. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2024/09/14/busca-dos-mastros-e-procissao-fluvial-marcam-inicio-da-festa-do-saire-na-vila-balnearia-de-alter-do-chao-em-santarem.ghtml>. Acesso em: 28/04/2026.

C DE CULTURA; OUTRA ONDA CONTEÚDO & INSTITUTO VEREDAS (2024). *Cultura e clima: percepções e práticas no Brasil*. São Paulo: C de Cultura. Disponível em: <https://culturaeclima.com.br/pesquisa-completa/>. Acesso em: 03/04/2026.

CLIMAINFO (2026). *Especialistas alertam para impactos socioambientais de projeto no Tapajós que favorece o agronegócio*, 13 de fevereiro. Disponível em: <https://climainfo.org.br/2026/02/13/especialistas-alertam-para-impactos-socioambientais-de-projeto-no-tapajos-que-favorece-o-agronegocio/>. Acesso em: 28/04/2026.

COELHO, T. (2025) “Mudanças climáticas impactam mais de 30% da população amazônica, diz estudo”, *CNN Brasil Nacional*, 08 de outubro. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil/mudancas-climaticas-impactam-mais-de-30-da-populacao-amazonica-diz-estudo/#google_vignette. Acesso em: 28/04/2026.

DANOWSKI, Déborah & VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (2014). *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie.

DEUTSCHE WELLE (2025). “Crise climática ameaça ritual Kuarup, tradição indígena do Alto Xingu”, *G1 Meio Ambiente*, 06 de setembro. Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2025/09/06/crise-climatica-ameaca-ritual-kuarup-tradicao-indigena-do-alto-xingu.ghtml> Acesso em: 28/04/2026.

FEARNSIDE, Philip M. (2015). *Hidrelétricas na Amazônia: impactos ambientais e sociais*. Manaus: INPA.

FELLET, João (2020). “Muros, pedintes e venda de água: as descobertas da indígena que mudou para a cidade para ‘entender a lei dos brancos’”, *Combate Racismo Ambiental*, 14 de fevereiro. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2020/02/14/muros-pedintes-e-venda-de-agua-as-descobertas-da-indigena-que-mudou-para-a-cidade-para-entender-a-lei-dos-brancos/>. Acesso em: 03/04/2026.

FELLOWS, Martha *et al.* (2025). *Povos indígenas enfrentando a mudança do clima*. Brasília, DF: FUNAI; IPAM.

GAMA, Guilherme (2024). “Pará coberto por fumaça: Santarém tem qualidade do ar 30 vezes pior do que o recomendado pela OMS”, *CNN Brasil Nacional*, 04 de dezembro. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/para-encoberto-por-fumaca-santarem-tem-qualidade-do-ar-30-vezes-pior-do-que-o-recomendando-pela-oms/>. Acesso em: 28/04/2026.

GARCIA, Rafael (2025). “Crise do clima deve afetar mais de 90% da biodiversidade do Brasil, aponta estudo”, *O Globo Meio Ambiente*, Rio de Janeiro, 8 de abril. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/meio->

ambiente/noticia/2025/04/08/crise-do-clima-deve-afetar-mais-de-90percent-da-biodiversidade-do-brasil-aponta-estudo.ghtml. Acesso em: 03/04/2026.

GIANNINI, Luisa; FIGUEIRA, Rickson Rios & OLIVEIRA, Reinaldo da Silva (2023). “Saberes indígenas e mudanças climáticas: a incorporação dos conhecimentos tradicionais como pressuposto para a justiça climática”, *Textos & Debates*, Boa Vista, n. 39, v. 1: 54-72.

GOMES, Pedro & BOEIRA, Laura (2025). “Cultura e ação climática: uma resenha crítica da síntese de evidências ‘cultura e clima’”, *Políticas Culturais em Revista*, Salvador, v. 18: 218-224. Edição Especial.

ICOMOS-BR & IPHAN (2025). *Carta Brasileira de Patrimônio Cultural e Mudanças Climáticas*. Brasília, DF.

IEP (2020). *Ecological threat register 2020. Understanding ecological threats, resilience and peace*. Institute for Economics & Peace. Sidney

IPCC (2021). *Climate Change 2021: The Physical Science Basis*. Cambridge: Cambridge University Press. Disponível em: <https://www.economicsandpeace.org/wp-content/uploads/2023/10/ETR-2020-web.pdf>. Acesso em: 28/04/2026.

KAIAMURA, Kaianaku & VALE, Sinéia do (2024). *Mudanças climáticas e povos indígenas*. Manaus: FAS.

KING, Tenaya & JESUS, Thiago (2024). *Cultura, sustentabilidade e mudanças climáticas: das ideias à ação*. Belém: Secult-PA; Julie’s Bicycle.

KRENAK, Ailton (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

LIMA, Artema; FANZERES, Andreia & ALCÂNTARA, Livia (Org.) (2024). *Mudanças climáticas e a percepção indígena*. 2. ed. Cuiabá: OPAN.

LIMA, Leanderson (2024). “Povos tradicionais de Santarém sofrem com a seca extrema”, *Amazônia Real*, 22 de outubro. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/seca-extrema-no-lago-grande/>. Acesso em: 28/04/2026.

LIMA, Paula Maryse Hoyos (2023). “Senta que lá vem história: o Gambá de Pinhel construindo narrativas de cidadania”. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Cultura e Amazônia. Instituto de Letras e Comunicação.

Universidade Federal do Pará. Belém, PA. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/handle/2011/16117>. Acesso em: 28/04/2026.

MEMÓRIAS DO SAIRÉ (2025). *O Rito do Sairé*. Ministério de Cultura, Ministério do Turismo e Prefeitura de Santarém. Alter do Chão, PA. Disponível em: <https://www.memoriasdosaire.com.br/ritual>. Acesso em: 28/04/2026.

MODELLI, Laís (2021). “Refugiados climáticos: 17 milhões de pessoas na América Latina poderão ser forçadas a migrarem até 2050”, *G1 Natureza*, 13 de setembro. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2021/09/13/refugiados-climaticos-17-milhoes-de-pessoas-na-america-latina-poderao-ser-forcadas-a-migrarem-ate-2050.ghtml>. Acesso em: 03/04/2026.

NASCIMENTO, Gabriel (2025). “Carimbó completa 11 anos como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil”, *EBC Rádio Agência*, 14 de setembro. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2025-09/carimbo-completa-11-anos-como-patrimonio-cultural-imaterial-do-brasil> Acesso em: 28/04/2026.

PEREIRA, M. (2026). “Uma cidade moderna no meio da Amazônia abriga o encontro de dois rios que não se misturam e floresta tropical que poucos brasileiros já viram de perto”, *Correio Brasiliense*. Disponível em: correiobrasiliense.com.br/cbradar/uma-cidade-moderna-no-meio-da-amazonia-abriga-o-encontro-de-dois-rios-que-nao-se-misturam-e-floresta-tropical-que-poucos-brasileiros-ja-viram-de-perto/. Acesso em: 28/04/2026.

POLLUTION SUSTAINABILITY DIRECTORY (2024). “Term - Cultural Erosion”, *Directory*. 28 de novembro. Disponível em: <https://pollution.sustainability-directory.com/term/cultural-erosion/>. Acesso em: 28/04/2026.

RIONEGRO, Tainá (2025). “Mudanças climáticas desafiam Sairé, festa da fartura e tradição da Amazônia”, *Reporter Brasil*, 04 de outubro. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2025/10/mudancas-climaticas-desafiam-saire-festa-fartura-amazonia/#:~:text=E%20os%20mastros%20est%C3%A3o%20cada,%C3%A0s%20margens%20do%20rio%20Tapaj%C3%B3s>. Acesso em: 28/04/2026.

SILVA, João Márcio Palheta da (2021). *Territorialidades e conflitos na Bacia do Tapajós*. Belém: UFPA, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/items/667f1377-a9af-4206-9912-daa77d6f78f8>. Acesso em: 03/04/2026.

SOUZA, Helcio Marcelo de (2025). “Protagonismo indígena frente à crise climática: “A resposta somos nós”, *The Nature Conservancy*, Abril. Disponível em: <https://www.tnc.org.br/conecte-se/comunicacao/artigos-e-estudos/protagonismo-indigena-frente-a-crise-climatica/> Acesso em: 28/04/2025.

UNESCO (2025). “Local and Indigenous knowledge systems and climate change”, *Climate Action*, 26 de março. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/climate-change/links>. Acesso em: 28/04/2026.

UNFCCC (2022). *What is the Triple Planetary Crisis?* Disponível em: <https://unfccc.int/news/what-is-the-triple-planetary-crisis>. Acesso em: 03/04/2026.

VIEIRA, Sílvia (2024). “Mortandade de peixes em canal na região de Várzea em Santarém ameaça alimentação de ribeirinhos”, *G1 Santarém e Região*, 26 de novembro. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2024/11/26/mortandade-de-peixes-em-canal-na-regiao-de-varzea-em-santarem-ameaca-alimentacao-de-ribeirinhos.ghtml>. Acesso em: 28/04/2026.

ZENT, Stanford (2025). *Indigenous Knowledge, Local Knowledge, and Climate Change: Interconnections for Policy and Practice*. Indigenous Latin America Series. World Bank. Disponível em: <https://openknowledge.worldbank.org/entities/publication/3fc310d3-a983-4ce4-94b5-0d57afda7f25> Acesso em: 28/04/2026.

ZOÉ ONG (2024). *Descubra os segredos do Carimbó: ritmos e danças que encantam*. 29 de maio. Disponível em: <https://ongzoe.org/blog/o-que-e-carimbo-historia-e-tradicao>. Acesso em: 28/04/2026.

WORLD BANK GROUP (2021). *Climate change could force 216 million people to migrate within their own countries by 2025*. Press Release. 13 setembro. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2021/09/13/climate-change-could-force-216-million-people-to-migrate-within-their-own-countries-by-2050>. Acesso em: 28/04/2026.

WWF BRASIL (2016). *Uma visão de conservação para a bacia do Tapajós*. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?51922/Uma-viso-de-conservao-para-a-bacia-do-Tapajs>. Acesso em: 03/04/2026.

____ (2024). *Estudo inédito indica potencial de contaminação por mercúrio em quatro bacias da Amazônia*. 31 de outubro. Disponível em: <https://www.wwf.org.br/?90080/Estudo-inedito-indica-potencial-de->

[contaminacao-por-mercurio-em-quatro-bacias-da-Amazonia](#). Acesso em: 03/04/2026.

Sobre o autor

Paulo Galvão é um jovem indígena do Povo Tapuia, ativista climático e socioambiental com oito anos de atuação e experiência. É coordenador de Portfólio na *Fund. Acción por Emergência Climática*. Conselheiro no *Instituto Vozes da Amazônia*, Conselheiro Jovem no *The Resilience Project*, Membro e representante jovem brasileiro no *Núcleo para Transparência Climática de Países Lusófonos*, avaliador no *Prêmio de Responsabilidade Social* da FGV. Atuou por dois anos na área de Natureza do *Instituto Alana*, cocriando estratégias nacionais e internacionais para COP30. Atuou por seis anos no *Engajamundo*, onde fundou o núcleo local *Engajós*, coordenou o GT Clima e liderou a delegação juventudes brasileiras na COP29. Cocriou o *Festival Vozes da Amazônia*, hoje em sua quarta edição. Também já participou e palestrou em espaços como a *Conferência Brasileira de Mudanças Climáticas*, a *World Press Freedom Day Conference* da UNESCO, o *World Forum of Local Economic Development (WFLED)*, a *RCOY LATAM* e sucessivas COPs de Clima da ONU. Em 2025 foi mentor convidado no *Generation Earthshot*, do *Earthshot Prize* que aconteceu no Brasil.